

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UMA TRAVESTI¹: o debate midiático do caso Dandara e a (in)visibilidade da violência contra travestis colocada em evidência através de um post da página Quebrando o Tabu²

A Transsexual's posthumous memories

Raphael Rocha Fernandes³
Verônica Soares da Costa⁴

*The real violence, the violence that I realized was unforgivable, is the violence that we do to ourselves,
when we're too afraid to be who we really are.*⁵
-Nomi, Sense8

Resumo:

Ao terceiro dia de março de 2017, caía nas redes digitais um vídeo de horror e tortura. Ali, no registro audiovisual, a execução da travesti⁶ Dandara era performada. Tal sinistro trouxe à luz o presente artigo, que, tendo por base o estudo de caso Dandara dos Santos e o fator transfóbico impregnado no DNA brasileiro, procurou observar, de maneira caracteristicamente descritiva, com uma abordagem predominantemente qualitativa, a visibilidade/invisibilidade midiática

¹ É importante frisar que travesti será tratada como um substantivo feminino, consonante a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2019), em razão da valorização ao processo construtor do gênero, do corpo e da performance feminina posicionado pelos sujeitos.

² O conhecimento não é uma dádiva dada, mas compartilhada. É um ato de doação entre dois ou mais sujeitos, a fim de conceberem uma nova perspectiva. Verônica, sem a sua disposição de se doar, de compartilhar comigo um pouco do que sabe, de me orientar através das vicissitudes dos meus pensamentos, este artigo não teria alcançado este esboço final. Digo esboço porque o conhecimento, transferido para o papel, nunca está completo, mas apenas a espera de ser reformulado e evoluído. E você é um grande incentivo para que eu não deixe este esboço inacabado. Obrigado.

³ Administrador e Pós-Graduando em Marketing Digital e Mídias Sociais pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Ativista LGBTQI+ e Gay. E-mail: raphaelrochafernandes@gmail.com.

⁴ Professora orientadora. Jornalista e doutoranda em Textualidades Midiáticas pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM / UFMG).

⁵ “A verdadeira violência, a violência que percebi que era indesculpável, é a violência que fazemos com nós mesmos, quando temos medo de ser quem realmente somos.”

⁶ A princípio, Dandara seria tratada aqui como transexual, já que o termo travesti foi designado a ela pela mídia após sua morte, não se sabendo, portanto, se Dandara se identificava como tal. Entretanto, o construtivo histórico de Dandara e a forma como foi morta, vítima de um crime de ódio por conta de sua orientação sexual e identidade gênero, traz como característica o significado do que é ser travesti no Brasil. Portanto, por questão de representatividade, Dandara será tratada neste artigo como tal.

das travestis no contexto digital. Para tanto, debruçou-se primeiramente sobre um respaldo teórico-científico que abarcasse temas basilares para o construtivo da pesquisa. Posteriormente, foi possível realizar uma análise, buscando alcançar os objetivos que vigoram este artigo, através de um post, na rede social Facebook, da página Quebrando o Tabu, sobre o assassinato de Dandara. Desta forma, através da amostragem dos comentários do post, foi possível traçar um parâmetro da consciência coletiva em relação à transfobia, destacando como ainda as travestis são ignoradas e como a emergência do vídeo de Dandara é um exemplo raro de representação midiática dessa população.

Palavras-chave: Dandara; Travestilidade; Sociedade em rede; Invisibilidade; Quebrando o tabu.

Abstract:

In the 3th Day of March 2017, a video of horror and torture falls in the socials media. There, in a audiovisual record, the execution of transsexual Dandara was performed. That sinister brought to light this article, which, based on the Dandara dos Santos' case study and the impregnated transphobic factor in the Brazilian DNA, sought to observe, with a predominantly qualitative approach, the transsexual visibility/invisibility in media in the digital context. To this end, it first focused on a theoretical-scientific support that encompassed basic themes for the constructive research. Subsequently, it was possible to perform an analysis, seeking to achieve the objectives which hold this article, through a post, in Facebook social network, from Quebrando o Tabu social page, about Dandara's murder. This way, by sampling of the post comments, it was possible to trace a parameter of the collective consciousness about transphobia, highlighting how transsexual persons are ignored yet and how the emergence of Dandara's video is a rare example of media representation of this population.

Keyword: Dandara; Transsexuality; Network society; Invisibility; Quebrando o tabu.

Bajé⁷

(...) Quantas pessoas trans você encontrou hoje no metrô, no ônibus ou na rua? Com quantas você estudou? Por quantas você já foi atendida(o) no supermercado? Quantas já viu na fila de espera de uma Unidade de Saúde?

⁷ Significa **sangue** no Pajubá - léxico LGBTQI+ utilizado pelas travestis.

Provavelmente, poucas ou nenhuma. No entanto, quantas travestis e/ou transexuais você já viu na rua, à noite, fazendo ponto? Quantas reportagens você já viu sobre travestis e/ou transexuais que se prostituem ou que foram assassinadas? Provavelmente, várias (TAGLIAMENTO, 2015, p. 64).

O artigo propõe-se a discutir a invisibilidade da violência contra travestis no meio digital, através do caso da travesti Dandara Ketlhen – mais conhecida na época de sua morte pela mídia como Dandara dos Santos – que foi espancada, torturada e morta em plena luz do dia, tudo sendo registrado de forma audiovisual e, posteriormente, o conteúdo da sua sessão de tortura sendo jogado nas redes sociais para que fosse contemplado e testemunhado de forma viral, criando uma gigante e voraz rede de indignação.

Nascida e batizada como Antônio Cleilson Ferreira Vasconcelos, Dandara, até seus 18 anos, se considerava homossexual. Cresceu em Fortaleza (Ceará) e foi nessa fase da vida que iniciou sua transição para revelar a mulher que havia escondida naquele corpo tipicamente lido como masculino. Assim, o guarda-roupa mudou, o cabelo alongou-se, a hormonização transmutou os contornos da carne, e Cleilson se rebatizou como Dandara Ketlhen – e, questionada pela escolha do nome, ela dizia que era um nome internacional. E, batizando-se, ela renasceu, dando-se a ver como a mulher que dizia ser, pois, como ela sempre afirmava: “eu já nasci mulher!” (ARAÚJO, 2017; BARBOSA et al, 2017; MENDONÇA, 2018).

Mulheres trans e, principalmente, travestis, são alvos dos mais terríveis e inumanos atos de escárnio e ódio. Primeiro, por serem trans e irem contra as normatizações de gênero e sexualidade; segundo, por serem e se expressarem mulher num mundo extremamente machista e misógino – apesar de o Brasil ser recordista em consumo de conteúdo adulto

trans⁸. E o caso Dandara iniciou uma rede de debates acerca de tal realidade transfóbica, colocando em evidência não apenas a violência inferida a Dandara, mas a todas as travestis.

Diante do exposto, o objetivo principal deste trabalho é **estudar a (in)visibilidade da violência contra as travestis nas mídias digitais através de uma observação qualitativa do debate midiático sobre o caso Dandara dos Santos**. Tal objetivo se destringe em:

- Apresentar o caso do assassinato da travesti Dandara.
- Compreender a emergência do vídeo dos últimos momentos de Dandara através dos movimentos sociais na era da Internet.
- Analisar qualitativamente o debate midiático entre os atores da rede, em um post da página Quebrando o Tabu, sobre o caso Dandara no *Facebook*.

A hipótese trabalhada para que se chegasse a tais objetivos foi que o caso Dandara só se tornou evidente na mídia após a divulgação dos vídeos nas redes sociais. O vídeo foi sendo disseminado pela própria comunidade LGBTQI+⁹, principalmente através de compartilhamentos e reverberações sobre o caso através de páginas ativistas – a exemplo da página Quebrando o Tabu –, a fim de colocar em evidência a violência

⁸“Uma pesquisa conduzida em 2016 pelo site Redtube revela um paradoxo perturbador e preocupante no qual o Brasil está inserido: de acordo com o estudo, somos o país que mais procura por conteúdo adulto trans na plataforma de vídeos online. Ou seja, em contraponto ao fato de sermos o local do globo que mais os(as) mata, somos também o que mais busca por pornografia trans. Mesmo sem divulgar dados específicos, o Redtube afirma: “você tem 89% mais chances de pesquisar sobre transexuais [no site], se vier do Brasil”. [...] (ARAÚJO et al., 2017, p. 9).

⁹ Órgãos oficiais como a ONU e a Anistia Internacional utilizam da sigla LGBTI. Entretanto, em termos de movimentos sociais a sigla atualmente mais utilizada é a LGBTQI+, que abarca Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, além do sinal de mais (+) que inclui outros tipos de manifestações sexuais e de gênero. Portanto, para os fins deste artigo, optou-se por utilizar o anacrônico utilizado pelo movimento social LGBTQI+ por uma questão de representatividade da comunidade e respeito à causa.

constantemente sofrida pelas mulheres trans e travestis. Assim, a repercussão do vídeo transformou internautas em testemunhas midiáticas, tudo isso através da textualização audiovisual dos últimos momentos de Dandara. Desta forma, supõe-se que a disseminação do vídeo é um impacto direto dos movimentos sociais na Internet, não apenas pelo fato de o vídeo ter sido assiduamente disseminado por um desses movimentos, mas pelas transformações socioculturais e intelectuais que tais movimentos têm realizado através das plataformas digitais.

1 Desaquendendo¹⁰ a teoria

O que faz com que uma vida se torne visível enquanto vida, em sua precariedade, em sua necessidade de amparo, na possibilidade de ser perdida e enlutada, e o que nos impede de ver ou compreender certas vidas, perecíveis, sem importância e, por isso, nem mesmo consideradas vivas? [...] O problema diz respeito sobretudo à mídia, às suas maneiras de enquadrar e [...] aos referenciais valorativos que regulam tais enquadramentos (BUTTLER apud. CARVALHO; LAGE; SEREJO, 2018, p. 194).

1.1 A Pele Que Habito

Os corpos são pré-estabelecidos dentro de um contorno social definido como adequado e normal. Aqueles socialmente lidos como femininos, em razão do sexo atribuído a eles ao nascer, assumem papéis de submissão dentro de um âmbito totalitariamente patriarcal. Já os corpos lidos socialmente como masculinos, pelo simples fato de terem nascido com um pênis, são normatizados e subvertidos em uma masculinidade tóxica.

A mesa cirúrgica do nascimento não é simplesmente onde se nasce um bebê, para, além disso, ela é uma tecnologia (hetero)sexual onde acontece a primeira designação/atribuição do sexo, a primeira fragmentação do corpo, tratando-se de uma invocação performativa, que nenhum de nós deixamos de passar por

¹⁰ Do verbo **Aquendar**, que significa esconder, **Desaquendar** seria algo como **colocar para fora, mostrar, expor**. Palavras originárias do Pajubá.

essa interpelação, isto é, diz-se nessa mesa de operações performativas: “é uma menina!” ou “é um menino!” (PASSOS, 2011).

Seguindo a linha discursiva e teórica de Butler (2010), pode-se compreender que o sexo/sexualidade não passa de uma materialização de um ideal normativo imposto pela sociedade através do tempo, forçando aos corpos uma construção social que visa, dentro de um processo regulatório, padronizar e categorizar o sexo. Assim, exatamente por essa regulamentação ter de ser constantemente reiterada, é que se observa que os corpos não são conformados com essa materialização imposta, colocando “em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória” (BUTLER, 2010, p. 154).

As identidades de gênero e sexualidade são, portanto, uma construção social, pré-definidas pelas relações sociais e moldadas pelas redes de poder das sociedades, sendo disseminadas por diversos “discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”.”(LOURO, 2010, p. 12 [grifo da autora]). Seja no momento do nascimento ou na fase de puberdade, as identidades não são fixadas, mas “estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (LOURO, 1997, p. 27).

Assim, a identidade de gênero é a figura social pela qual a pessoa se concebe, se enxerga e se constrói, não se limitando ao corpo no qual habita, mas mergulhando através de sua essência interior, sua psique, e se definindo e se afirmando como sendo deste, daquele ou de nenhum gênero (BRITZMAN, 2010; BUTTLER, 2010; LOURO, 1994).

1.1.1 Amapô¹¹: a busca do sujeito social feminino

¹¹ Significa **mulher** no Pajubá.

Dentro dos espectros das identidades de gênero, que se ramificam em diversas expressões de gênero, encontram-se os sujeitos transgêneros, transexuais e travestis. Essas são, talvez, as identidades de gênero que estão em mais evidência atualmente ao colocar contra a parede as contravenções sociais da binaridade.

Nesse sentido, entende-se que existem: pessoas **cisgêneros** (cis), que se identificam com o gênero designado a elas ao nascer (por exemplo: o indivíduo nasceu com pênis, logo é designado como homem ao nascer e assim se identifica); pessoas **transgêneros**, que não se identificam com o gênero designado a elas ao nascer, podendo fluir entre os gêneros (por exemplo: uma pessoa que nasceu com uma vagina e é designada como mulher, mas se identifica com ambos os sexos (gênero fluido) ou nenhum dos dois (não-binário)); pessoas **transexuais**, que se identificam com o gênero oposto ao designado a elas ao nascer (por exemplo: um sujeito que foi designado como mulher ao nascer, mas se identifica como sendo homem); e as **travestis**, que são pessoas designadas como sendo do sexo masculino, mas que expressam através de seu corpo a feminilidade e a mulheridade, mas não se reconhecem como homem ou mulher (AZEVEDO; NOGUEIRA; PRATES, 2018; CARVALHO; LAGE; SEREJO, 2018; JESUS, 2012; MORAIS; TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2015; PERES, 2005; SIMPSON, 2015; TAGLIAMENTO, 2015).

Limitar as identidades de gênero apenas às citadas acima seria imprudente perante a complexidade da diversidade humana. Entretanto, para manter o foco desta pesquisa, serão trabalhadas apenas essas nomenclaturas enquanto identidade de gênero, com foco na travestilidade.

1.1.1.1 E o verbo se faz carne: a Travestilidade

A travestilidade traz nos corpos das travestis as marcas da desconstrução dos discursos heterossexuais, cisgêneros e até machistas. Ela mostra através da pele habitada que não é o corpo que dita a identidade, mas o contrário. É a identidade travesti que dita como seus corpos irão se manifestar perante a sociedade e o espelho (LOURO, 2010).

A literatura revela que as travestis vivenciam múltiplas experiências e particularidades que não podem ser reduzidas a classificações ou categorizações unificadoras, visto que estas podem tornar equivalentes visões de mundo e identidades nem sempre consonantes (BENEDETTI, 2005). Ou seja, estamos falando de uma prática identitária (no sentido político), mas múltiplo (no sentido da experiência e de modos de ser) (CARVALHO, 2014).

Como explana Willian Peres (2005), a construção do corpo e da identidade travesti tem como espelho a imagem da feminilidade. Porém, é uma imagem inacabada, borrada, em constante processo de transformação. O discurso da travestilidade é, portanto, caracterizado por uma dicotomia entre o feminino e o masculino. E tal conceituação do autor não está longe do que outras literaturas¹² dissertam sobre a travestilidade.

Keyla Simpson, Presidente da ANTRA, discorre em sua obra *Travesis: entre a atração e a aversão* sobre a travestilidade, dando voz não apenas sobre sua própria existência como travesti, mas à suas irmãs marginalizadas e invisíveis:

As travestis não querem ser homem nem mulher, não precisam. Pelo menos as travestis que conhecemos reivindicam a identidade travesti, nenhuma quer ser mulher, todas dizem “sou travesti”. E é essa afirmação que faz a diferença na busca do respeito e da cidadania, pois se uma sociedade está orientada a respeitar e aceitar o homem e a mulher, pode pensar que não deve respeitar alguém que não se identifica como tal. Assim, as travestis estão no contexto de exclusão, agravada ainda mais pela associação do termo travesti com marginalidade, prostituição etc.(SIMPSON, 2011, p. 114).

¹² LARRAT, 2015; MORAIS; TEIXEIRA; TEIXEIRA, 2015; PERES, 2005; SILVA; SOARES, 2015; SIMPSON, 2011; SIMPSON, 2015; TAGLIAMENTO, 2015.

Por isso significar o que é ser travesti não é tão simples. É um processo não apenas individual e psicossocial, mas histórico, de viés antropológico, atrelado a todos os caminhos percorridos pelos sujeitos travestis na sua construção identitária.

1.2 Maldita Geni¹³: O Martírio Dos Corpos Trans

O Brasil é o país mais perigoso para se ser travesti no mundo (CARVALHO; LAGE; SEREJO, 2018; LARRAT, 2015; PERES, 2005; SIMPSON, 2011; TGEU, 2019). A transfobia é institucionalizada pelo próprio Estado Brasileiro, provinda de uma sociedade que ainda ouve ecos do período militar e que herda em suas veias a cristianização provinda da colonização (LARRAT, 2015). Em *Mortes violentas de LGBT no Brasil – Relatório 2017*, produzido e publicado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)¹⁴, 2017 foi o ano com o maior número de assassinatos da população LGBTQI+ desde o início da pesquisa em 1980. Foram 445 mortes catalogadas de notícias e informações institucionais, sendo 387 assassinatos e 58 suicídios. Um aumento alarmante de 30% em relação a 2016 (GGB, 2018)¹⁵. Porém, é importante frisar que

[...] esses números ficam aquém da realidade de crimes cometidos por falta de parâmetros na coleta dos dados, especialmente por parte do aparato de segurança pública que não é [...] preparado para compreender e nomear tais violências. Além disso, [...] informações vindas das mídias também fomenta o problema da subnotificação, uma vez que essas mídias não noticiam todos os crimes e em muitos casos não os identificam enquanto violências estruturadas

¹³ “Geni e o Zepelim” é uma das canções de Chico Buarque. Considerada uma de suas músicas mais geniais, a música conta a história de Geni, uma travesti que é injustiçada pela população, e, por ser prostituta, é apedrejada por julgamentos tal qual Maria Madalena foi: “Joga pedra na Geni! Joga bosta na Geni! Ela é feita pra apanhar, ela é boa de cuspir; ela dá pra qualquer um, maldita Geni!”, a cidade grita.

¹⁴ “O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980, [...] desde 1995 faz parte do comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC) [...]” (GGB, 2019. Disponível em <<https://grupogaydabahia.com.br/about/o-que-e-o-ggb-nossa-historia/>>).

¹⁵ Disponível em <<https://pt.calameo.com/read/004650218f3258a331907>>.

pela homofobia ou transfobia (AZÊVEDO; NOGUEIRA; PRATES, 2018, p. 26).

Ainda segundo o Relatório (GGB, 2018), 37% das mortes de pessoas LGBTQI+ ocorreram dentro da própria residência, 56% em vias públicas e 6% em estabelecimentos privados. “Via de regra, travestis profissionais do sexo são executadas na “pista” com tiros de revólver, pistola e escopeta, mas também vítimas de espancamento, pauladas e pedradas” (GGB, 2018, p. 4 [grifo dos autores]). De todas as vítimas de homotransfobia em 2017, 194 eram gays (43,6%), 191 trans (42,9%), 43 lésbicas (9,7%), cinco bissexuais (1,1%) e 12 heterossexuais¹⁶ (2,7%). O mais impressionante nesses dados é que deve ser frisado, é o aumento de 6% nos óbitos de pessoas trans em relação a 2016.

[...] enquanto nos últimos cinco anos as/os transgêneros representavam em média 37% dos assassinatos, no último ano subiram para 42,9%. Observe-se que tal crescimento é particularmente grave pois enquanto os gays representam cerca de 20 milhões de habitantes, 10% da população brasileira (Kinsey), estima-se que as travestis e transexuais não devem ultrapassar 1 milhão de pessoas, [...] o que significa que o risco de uma trans morrer vítima de transfobia é 22 vezes maior do que os gays (GGB, 2018, p. 13).

Segundo dados apresentados pelo *Transgender Europe* (TGEU, 2019¹⁷), entre 2008 e Junho de 2016 o Brasil assassinou 868 travestis e transexuais. Em comparação aos outros países, “50% de todos os casos de assassinatos de pessoas trans no mundo ocorrem no Brasil [...]” (TGEU apud. GGB, 2019). É evidente que travestis e transexuais têm sua existência desconsiderada e ignorada pela sociedade. E, quando são vistas, incomodam pela transgressão às regras heteronormativas. Assim, o preço pela transgressão de seus corpos é a morte, sendo enterradas ou cremadas sem direito a um nome, a um

¹⁶ Justifica-se a inclusão das vítimas categorizadas como heterossexuais pelo fato de terem sido mortas por seu envolvimento com o universo LGBTQI+ (GGB, 2018).

¹⁷ Mapa mundial de assassinatos de pessoas trans disponível em <<https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>>.

reconhecimento de sua identidade. A transfobia está, em última análise, emaranhada no DNA do povo brasileiro.

1.2.1 Orum¹⁸: Dandara PRESENTE¹⁹

Quando um homem inicia uma das filmagens [...] Dandara está sozinha, já bastante machucada e sangrando. Ela está sentada numa área cimentada do calçamento e com uma camisa amarela na mão, usada para enxugar o sangue da testa, nariz, boca e rosto. Nesse momento, a vítima inicia um diálogo entrecortado com quem filma e com alguém que está próximo a ele. Dandara permanece sendo observada e está sozinha na cena. Há sangue no chão, no seu lado direito e numa pedra de calçamento atrás dela. Aqui, é possível escutar gritos, supostamente de pessoas diferentes, que incitam por mais espancamento. Ela pede para não apanhar mais.

Eis o diálogo extraído do vídeo:

Dandara: ...42 anos já, 42... (balbucia para alguém que não aparece no vídeo). **Voz 1:** ... E aí, Lorin? (grita). **Voz 2:** Quebra ali! **Voz 3:** Ele (Dandara) tá perdendo sangue, ele... **Voz 2:** Qual foi? **Voz 4:** Teve foi sorte da negada não ter matado. **Outras vozes:** Vai... (inaudível). **Dandara:** ... Se minha mãe soubesse e meu pai... (é interrompida por alguém está vindo em direção dela). **Voz 2:** O que é? (alguém grita em tom ameaçador, se aproxima e bate com uma madeira ou chute nas cotas dela). **Dandara:** ... Não... Minha mãe e meu pai... Não, não, por favor. Não me bata mais não, por favor... ai, ai, ai... **Voz 2:** Você vai morrer, safado. **Dandara:** ... ai, ai, por favor, cara... (ela dirige o olhar para alguém quem está a sua frente, mas o vídeo não mostra quem)... Deixa não, cara... **Voz 5:** Então, né, caí logo fora. Que a negada vai... Booora, véi... **Voz 6:** ... A negada vai te matar se tu num sair fora daqui... (Há outras vozes ao fundo).

Após a chegada do carro de mão, uma nova sessão de tortura é iniciada. Em princípio, por três homens e, depois, por mais três. Eles acertam Dandara com chutes, chineladas e pauladas na cabeça e nas costas. Eles a jogam no carro de mão e se afastam da área do vídeo. Depois, ela é morta a tiros.

Voz 1: ...Sobe, sobe, tem um carro ali pra socorrer... Pra levar onde tu quiser ir... (Dandara tenta se levantar, não consegue e cai sentada). **Voz 1:** ...Vai, vai... Tu tá embaçando aqui, a favela, baitola... **Voz 2:** ...A imundiça tá de calcinha e tudo, a pirangage... (nesse momento, o homem que está de relógio dá um chute na cara de Dandara que vai ao chão. Outros chegam e também a chutam e dão pauladas. Até a levarem no carro de mão).

¹⁸ Significa Céu no Pajubá.

¹⁹ Relato textual do registro audiovisual do espancamento de Dandara. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JNy7d1k_Go4&has_verified=1>.

Fim do segundo vídeo (TÚLIO, 2017)²⁰.

A vida de Dandara foi brutalmente interrompida no dia 15 de fevereiro de 2017 no Bairro Bom Jardim. A transcrição que inicia este tópico relata os últimos momentos de Dandara, já com 42 anos, que foram registrados de forma áudio-verbo-visual e que passou a circular na Internet dezenove dias depois do assassinato.

Dandara foi uma existência, um corpo, que transgrediu as normas regulatórias de sexo, gênero e sexualidade. E, por desobedecer tais normas, por ir contra a *performance* de gênero que dizia que ela era um menino, por esboçar para si mesma uma performance de vida como mulher, Dandara teve seu corpo deslegitimado, portanto, era um **corpo sem peso** (BUTTLER, 2010). E a tais corpos são destinados apenas à clandestinidade e à marginalidade, tornando-se invisíveis, desprotegidos, sem qualquer reconhecimento humano de sua existência.

1.3 A SOCIEDADE EM REDE

A comunicação humana é, sem dúvida, a base instrumentalista para a construção da sociedade. É através dos códigos linguísticos que os indivíduos criam relações a fim de corroborar para o avanço evolutivo do mundo. E hoje, a espinha dorsal da comunicação e das sociedades contemporâneas é a Internet, que favorece aos atores sociais uma comunicação mais desinibida e participativa. E vários aspectos referentes aos usos da Internet no âmbito comunicacional passam a existir, como é o caso da criação de comunidades virtuais (CASTELLS, 2001; CORRÊA, 2004; RECUERO, 2011).

²⁰ Disponível em <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/03/morte-de-dandara-foram-pelo-menos-tres-sessoes-de-tortura.html>>.

Uma comunidade virtual pode ser entendida como sendo “uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo” (RHEINGOLD apud CASTELLS, 2001, p. 385). E são as comunidades virtuais que têm propiciado mudanças sociopolítico-culturais nas sociedades, pois a Internet, ao propiciar a criação de tais comunidades, não apenas influenciou mudanças drásticas na forma de se comunicar, mas, de forma disruptiva, transformou as culturas, os meios sociais, o ambiente político e os fatores psicossociais dos indivíduos (CASTELLS, 2001; CORRÊA, 2004; LONGHI; SOUSA, 2012; RECUERO, 2011).

A sociedade conectada em rede é, portanto, uma realidade incontestável. E embora tal forma de organização social tenha existido em outros tempos, “o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social” (CASTELLS, 2001, p. 497). Assim, as redes constituem sistemas abertos altamente dinâmicos e suscetíveis a inovações, sem, porém, ameaçar seu equilíbrio. E uma sociedade baseada em redes está submersa em um conjunto de nós interconectados que arquitetam as relações sociais e transforma, aos poucos, as bases significativas da sociedade, do espaço e do próprio tempo, reordenando os códigos de organização social e trazendo mudanças reais que refletem nas culturas, nos meios e na própria história da humanidade (CASTELLS, 2001; CORRÊA, 2004; LONGHI; SOUSA, 2012; RECUERO, 2011).

1.3.1 Redes Sociais

As redes, segundo Sousa (2015, p. 200), “são movimentos, fluxos, circulações, alianças que se formam a partir das associações, conexões e interações dos atores”, e podem ser

entendidas como uma espécie de metáfora para a estrutural social que busca compreender os grupos expressos na Internet, originando a perspectiva de rede social (RECUERO, 2011). Assim, as redes sociais abrem um novo espaço de expressão e sociabilidade, proporcionando que os indivíduos “pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros [...], deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões [...]” (RECUERO, 2011, p. 24).

Recuero (2011, p. 24 [grifos da autora]) diz que “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores*²¹ (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. E são esses atores o primeiro elemento social das redes sociais, atuando nos moldes das estruturas sociais, provocando, assim, mudanças “através da interação e da constituição de laços sociais” (RECUERO, 2011, p. 25).

As conexões criadas através das redes sociais são rápidas e volumosas. Num piscar de olhos os atores são inundados por centenas e milhares de milhares de novos dados e informações, gerando novos saberes e disseminando conhecimentos. A possibilidade não apenas de criação, mas de compartilhamento, proporciona que muitas dessas informações sejam “difundidas de forma quase epidêmica, alcançando grandes proporções tanto *on-line* quanto *off-line*” (RECUERO, 2011, p. 116 [grifos da autora]).

[...]Barabási (2003) credita a difusão epidêmica de informações observada na *Web* como consequência da existência de conectores, ou seja, indivíduos extremamente bem conectados em uma ou várias redes sociais. [...] (RECUERO, 2011, p. 116-117).

²¹ Nomeia-se como atores “por considerar os indivíduos a partir de uma perspectiva proveniente do interacionismo simbólico e especificamente da noção de *performance* de Goffman. Atores porque são representações performáticas dos indivíduos” (RECUERO, 2011, p. 24).

No que concerne a disseminação de informações, das mais variadas vertentes, Longhi e Sousa (2012, p. 516) dialogam que

com as tecnologias digitais e a possibilidade de conexão em rede, os usuários deixam de ser apenas consumidores e passam a ser também produtores e distribuidores de informação.

No que diz respeito à linha de pesquisa deste artigo, o tipo de informação a se destacar é a noticiosa, ou seja, as notícias que são difundidas através das redes sociais e que possuem um apelo informacional maior. Recuero (2011) esclarece que este tipo de informação está mais atrelado a um fator social cognitivo do que, por exemplo, a um fator social relacional. Os atores, portanto, são responsáveis não apenas pelo consumo de tais informações, mas na reconfiguração e disseminação delas, tendo um ato mais participativo através de comentários, compartilhamentos atrelados a opiniões subjetivas e retroalimentação da notícia (LONGHI; SOUSA, 2012; SOUSA, 2015; RECUERO, 2011).

O ato de comentar e replicar informações nas redes é chamado de recirculação por Zago (2011), entendida como uma subetapa da circulação, que ocorre após o consumo, quando o usuário utiliza espaços sociais diversos da internet [...], contribuindo para divulgar o link para a notícia, recontar com suas palavras o acontecimento ou manifestar sua opinião sobre o ocorrido (SOUSA, 2015, p. 202).

Recuero (2011) classifica que os atores das redes, na circulação – ou recirculação – de notícias nas redes sociais, podem ser dispostos em dois papéis atuantes: como filtros e reverberadores. O primeiro papel, o de filtragem de informações, diz respeito aos atores que coletam e republicam notícias, sendo esta a forma mais comum de disseminar e difundir informações. Já o segundo papel, reverberação, ocorre quando os espaços nas redes sociais são utilizados para promoverem discussões sobre a informação, caracterizado pela formação de opiniões, diálogos entre os usuários, divergências entre pontos de vistas, e outras interações no construtivo social.

1.3.2 Movimentos sociais nas mídias digitais

As comunidades virtuais, como “agrupamentos sociais surgidos no ciberespaço” (RECUERO, 2011, p. 146), surgem como uma forma de mobilização social frente às pautas sociais que latejam no cerne das sociedades contemporâneas. Desde os movimentos feministas aos movimentos da comunidade LGBTQI+, os movimentos sociais tomaram proporções incomensuráveis, transpondo os limites geográficos. Assim, os movimentos sociais adentraram numa nova era, ampliando suas vozes e causando mudanças significativas de forma mais rápida (CASTELLS, 2013).

E é por conta da sociedade em rede que o movimento LGBTQI+ ganhou, nos últimos anos, mais autonomia na busca constante pelo direito de existir. Por conta do amplo controle dos governos e das mídias sobre os meios de comunicação em massa, tal movimento social não tinha espaço para expor suas demandas. Mas, com a criação das redes sociais, ocorreu uma democratização da comunicação (CASTELLS, 2013).

Ainda seguindo a linha teórica de Castells (2013), que fez um estudo específico sobre o fenômeno dos movimentos sociais nas redes de comunicação da Internet, pode-se afirmar que as redes sociais não vieram para substituir a forma como os movimentos se conectam e atuam na sociedade, mas para complementar essa conectividade. Assim, a forma com que tais movimentos hoje se conectam em rede é multimodal. Em outras palavras,

inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. Formam-se redes dentro do movimento, com outros movimentos do mundo todo, com a blogosfera da internet, com a mídia e a sociedade em geral (CASTELLS, 2013, 129).

A Internet entra, de tal modo, com um papel basilar, pois é por meio das redes de comunicação digital “que os movimentos vivem e atuam. [...] As redes de comunicação

digital são um componente indispensável na prática e na organização desses movimentos tal como existem” (CASTELLS, 2013, p. 134).

2 “Joga pedra na Geni...”: Um olhar analítico sobre a repercussão do caso Dandara

Diante do exposto, se buscará indicar, a partir do estudo de caso²² Dandara dos Santos, como a realidade das travestis é negligenciada mesmo no cenário de ampla comunicabilidade da Internet. Como são raros os casos, como o de Dandara, que conseguem maior visibilidade midiática, este estudo buscou compreender a dicotomia da invisibilidade/visibilidade da violência contra as travestis no cenário virtual, e que, obviamente, tem uma resposta direta no chamado “mundo real”.

Para que tal propósito fosse possível, optou-se por, primeiramente, observar como a emergência do vídeo nas mídias digitais teve impacto direto na visibilidade do caso. Assim, utilizou-se a ferramenta padrão de busca do Google, sendo um instrumento de pesquisa necessário para averiguar se houve qualquer menção ao caso na rede da Internet **antes** do vídeo ser divulgado. Subsequentemente definiu-se a população²³ como sendo a página Quebrando o Tabu da rede social *Facebook*, na qual, como fonte de coleta de dados, foi escolhido um *post* da referida página acerca do assassinado de Dandara, sendo tal *post* a população amostral²⁴ da pesquisa. Procurou-se através de tal observação compreender como que se operam os papéis dos atores da rede como filtros e,

²² Um estudo de caso, segundo Gil (2002, p.54), “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]”, e “[...] seus resultados, de modo geral, são apresentados em aberto, ou seja, na condição de hipóteses, não de conclusões”.

²³ População é entendida como “um conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas, por exemplo), que possuem as características que serão objeto de estudo.” (VERGARA, 1994, p. 48).

²⁴População amostral, ou simplesmente amostra, “é uma parte do universo (população), escolhida segundo algum critério de representatividade.” (VERGARA, 1994, p. 48).

principalmente, como reverberadores, criando um debate e coletivo consciente sobre transfobia.

Em relação à visibilidade midiática da morte de travestis, segundo o dossiê da ANTRA e da IBTE (Instituto Brasileiro de Transformação pela Educação)

houve um aumento de 30% na subnotificação dos casos pela mídia. O que compromete os resultados e faz parecer que houve uma queda nos assassinatos, quando na verdade houve um aumento na invisibilidade destas mortes (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019, p. 11).

Os movimentos sociais entram em campo para, deste modo, promover a visibilidade dessa população, não apenas no aspecto da violência por elas sofrida, mas no intuito informativo e educacional de moldar os moldes culturais e sociais que se concretizam na transfobia. Milhares e milhões de atores da rede atuam através das mídias sociais de forma a disseminar tais informações e evidenciar a desumanização de tais populações, tentando, aos poucos, socializar as pessoas trans no meio social comum de forma que o direito à existência desses indivíduos seja, antes de tudo, respeitado e, por consequência, abraçado.

O caso Dandara é um dos raros exemplos de quando a violência contra travestis ganha aspectos de representação midiática. Entretanto, o assassinato brutal ocorreu no dia 15 de fevereiro, 19 dias antes de o vídeo ser divulgado. Assim, quaisquer informações acerca de Dandara e de seu bárbaro fim, dentro do universo virtual, são datadas a partir do dia 03 de março de 2017, quando o vídeo caiu nas redes sociais²⁵.

²⁵ Numa rápida pesquisa na ferramenta de busca do Google, pesquisou-se por “Dandara dos Santos”, nome pelo qual o caso dela ficou conhecido. E colocou-se um intervalo de resultados entre os dias 15 de fevereiro de 2017 e o dia 02 de março de 2017. Resultado: não há qualquer notícia veiculada nas mídias digital sobre a execução de Dandara. Em outra busca rápida, tendo o mesmo intervalo de tempo, buscou-se por “Dandara travesti”, em razão de serem duas das palavras-chave mais presentes nos textos jornalísticos e em redes sociais sobre o caso. Novamente, o mesmo resultado: nenhuma menção sobre o caso entre a data da morte de Dandara e um dia antes da divulgação do vídeo.

A história dos últimos momentos de Dandara ganhou o mundo através da comunicabilidade virtual, em que os atores da rede não apenas compartilharam publicações sobre o caso, mas o alimentavam com suas próprias perspectivas individuais. Como amostra para que esse fenômeno nas redes sociais pudesse ser observado, foi escolhido uma das primeiras postagens sobre o vídeo que foi publicado pela página Quebrando o Tabu²⁶.

A página, criada em 2011, tornou-se hoje uma das maiores precursoras no debate sobre temas considerados tabus ou polêmicos, como a legalização das drogas, o aborto, direitos LGBTQI+ e dentre tantos outros. Em sua bio está escrito: 'Por um mundo mais bem informado e menos careta'. Assim, ela busca através do debate aberto promover uma consciência coletiva que não nade na ignorância e no preconceito, buscando impactar a sociedade e promover mudanças através do diálogo e da informação.

A página foi, portanto, escolhida como lugar de observação do fenômeno do debate do caso Dandara não apenas pelos seus mais de 10 milhões de seguidores, mas pela proposta e pelo ambiente aberto ao debate que ela entrega, sendo uma fonte muito interessante para colhimento de amostras das mais variadas.

O *post*²⁷ escolhido como fonte de coleta de tais comentários, foi o primeiro publicado pela Quebrando o Tabu sobre o caso Dandara e se apresenta a seguir:

²⁶ Mais informações em <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-guilherme-m-criador-da-fanpage-quebrando-tabu>>.

²⁷ Disponível em <<https://www.facebook.com/quebrandoatabu/posts/dandara-est%C3%A1-sentada-no-ch%C3%A3o-sem-for%C3%A7as-para-levantar-sangrando-e-balbucia-algum/1392246730831710/>>.

IMAGEM 1 – POST QUEBRANDO O TABU



FONTE: Disponível em <<https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/dandara-est%C3%A1-sentada-no-ch%C3%A3o-sem-for%C3%A7as-para-levantar-sangrando-e-balbucia-algum/1392246730831710/>>.

Tal postagem contém as seguintes interações:

- Mais 36 mil reações
- Mais de 7 mil compartilhamentos
- Mais 1,2 mil comentários

O primeiro ponto a se destacar são as reações. A grande maioria delas são reações de tristeza (17 mil), a clássica curtida (13 mil) e raiva (4,9 mil). Isso demonstra, de certa forma, uma mobilização de pessoas que se sentiram tocadas pelo caso, sensibilizadas, ou no mínimo interessadas. Há de se citar, infelizmente, duas reações que não ficaram de fora da publicação: o coração e a risada. Sim, pessoas deram ‘amei’ (57) e ‘haha’ (28) em uma postagem que evidenciava um caso extremo de transfobia, e, apesar de terem sido

poucas reações desse tipo, não deixa de ser relevante destacar como ainda existem pessoas tão preconceituosas que riem e desdenham da desgraça alheia.

Já os comentários, vão além da lamentação e complacência com a morte da travesti, mas traz dentro de suas extensas manifestações posições das mais variadas, as quais se tentarão apresentar agora. Os comentários podem ser divididos em duas categorias macros: comentários primários e secundários. Os primários ficam na rolagem do *post*, e são aqueles em que os indivíduos comentaram algo direto na postagem. Já os secundários são comentários dentro dos primários, respondendo ao que foi dito pelos interlocutores e, iniciando-se assim, uma conversa ou discussão. Assim, há vários ambientes de discussão em um mesmo *post*, ou seja, em cada comentário primário pode se iniciar um novo debate.

Optou-se, ao invés de fazer um panorama geral dos comentários, por pegar como amostra dois comentários primários e, a partir deles, visualizar como o debate ocorreu através dos comentários secundários. Tais comentários tiveram uma repercussão grande, criando uma linha de debate que passou por vários temas, como redução da maioria penal; pena de morte; impunidade por parte do Estado; homofobia/transfobia; identidade de gênero; fundamentalismo religioso; e entre outros pareceres menores.

O primeiro comentário escolhido foi um dos que mais obteve respostas – 108 no total –, e também mais reações – 7,3 mil –, apresentando, assim, uma discussão bem grande acerca do assunto e que trouxe diversos pontos de vista que acrescentam variáveis interessantes a serem observadas sobre a violência sofrida pelas travestis no Brasil.

O comentário foi de um curtidor da página, aqui chamado de Usuário 1, que proferiu:

Ódio mata!!!! Como ler isso e não sentir um nó na na garganta? Não dá! Desculpa Dandara! Desculpa por essas pessoas que não sabem o que é amar. Desculpa por essas pessoas que poderiam ter lhe ajudado e preferiram se ausentar. Desculpa por esse mundo que precisa urgente evoluir.

Numa rápida passada de olho, a grande maioria dos atores da rede que interagiram com esse comentário compactuava com o que o Usuário 1 discorreu e, assim como ele, pediam desculpas a Dandara. Reconheciam os crimes de ódio que os LGBTQI+ sofrem e questionavam a ineficiência e ausência do Estado nesses casos, em que a homofobia/transfobia ainda nem é reconhecida como crime. Porém, surgiam outros comentários, como o de uma mulher que afirmou: “Desculpa o caralho. Eles tem o retorno do que fizeram. Cada ação uma reação”. Ou outros que usavam do espaço para trazer à tona a pauta de redução da maioridade penal, já que alguns dos homens que mataram Dandara eram menores de idade, falando sobre ideologia esquerdista e progressista.

Assim, o comentário 1 é um exemplo de tantos outros debates que ocorreram ao longo do post – e até fora dele, em outras páginas das redes sociais. Debates que adentravam em vários aspectos do caso – transfobia, redução da maioridade penal, impunidade do Estado – e em outros de vieses políticos e partidários que eram apenas uma forma de algumas pessoas se utilizarem do caso para falarem mal de ideologias políticas as quais são contra. Enfim, é o típico tipo de discussão que desviava do principal fator que motivou o assassinato de Dandara: a transfobia.

Portanto, o segundo comentário escolhido – o qual é o segundo mais curtido e comentado (1,1 mil reações e 56 comentários) – reflete um debate mais conciso e dentro daquilo que a divulgação do caso de Dandara queria trazer a tona. O próprio comentário primário, feito pelo Usuário 2, já dava o primeiro passo para que os comentários secundários se desenvolvessem a partir daquele determinado assunto:

E tem gente q fica putinha qd lêem notícias sobre gays felizes que se amam... dizem q as notícias são desnecessárias. A Justiça tem q ser mais severa com homofóbicos...assim como tem sido com racistas.

Obs.: antes que me xinguem ou me ameacem: Não sou gay e nem sou negro. Sou um ser humano que escolheu a luz e o amor!!!

Uma das primeiras respostas ao comentário reflete o outro lado da moeda na discussão sobre homofobia/transfobia. Enquanto o Usuário 2 representa uma parcela que acredita na criminalização deste tipo de preconceito – como acontece com o racismo – outra parcela vem com o discurso de ‘todos são iguais perante a lei’ e que ‘gays querem privilégios’. E Usuário 3 é o típico heterossexual, cis e branco que acredita que homofobia e transfobia são *mimimi*:

Cara foi um caso de disputa de venda de drogas. Não tem essa de querer colocar os gays num pedestal onde não serão jamais atingidos. a violência existe pra todos, mataram um ser humano e ponto. todos os dias morrem centenas de heterossexuais, e não vem com mimimi de morreu porque é gay. isso tem nada a ver. Os culpados tem que ser presos porque cometeram assassinato e ponto. Já tem leis no Brasil pra punir assassinos

O comentário desencadeou uma discussão acalorada acerca da violência que tais populações vivem no seu dia a dia, dividindo os comentários entre aqueles que acreditam em um tipo de violência de ódio que é movido pela condição sexual ou identidade de gênero do sujeito; e aqueles que acreditam que independente de cor, ração, orientação sexual, gênero ou religião, todos os indivíduos estão sujeitos, de forma igual, a sofrerem algum tipo de violência.

Os comentários se mostram interessantes ao observar-se como essa questão é conscientizada por muitos hoje em dia, que entendem que a população LGBTQI+, por ser propensa a sofrer um tipo de violência específico em razão da orientação sexual ou identidade de gênero, deve sim ser resguardada pela lei, que deve pautar tal violência

como crime específico a fim de trazer igualdade de direitos para essa população. E como muitos ainda não compreendem essa vertente de pensamento – principalmente por não viverem esse tipo de desigualdade –, argumentando que ‘todos são iguais perante a lei e, portanto, criar leis específicas é uma forma de aumentar a desigualdade’.

Assim, esse último composto de comentários avaliados reflete a exata discussão que se tem hoje acerca da violência incontestável sofrida pela população LGBTQI+. Ele ilustra o que acontece não apenas em âmbito social e cultural, mas no tramite político, onde se depara hoje com um Congresso Nacional lotado de conservadores e fundamentalistas religiosos – vide Banca Evangélica –, que colocam acima das pautas sociais suas visões retrógradas e esquecem que operam em prol de um **Estado Laico**. Por causa disso, diversos projetos de leis pró-LGBTQI+ estão parados no Congresso, sendo ignorados ou vetados pelos candidatos.

Pautar as causas LGBTQI+ em formas específicas de leis é, em última análise, garantir a essa população, através de um tratamento desigual, a igualdade como princípio constitucionalmente fundamental. Pois a catarse da transfobia é a sua criminalização.

Considerações finais: Bendita Geni!

A transfobia é estrutural. Ela está enraizada nas profundezas da sociedade contemporânea, e o caso de Dandara ilustra com destreza todo esse contexto estrutural o qual foi discutido neste artigo. Ele escancara, sem pudores, de forma grotesca, a realidade violenta a qual as pessoas trans, principalmente as travestis, estão inseridas. Não por opção, mas pela falta dela. E no momento em que o vídeo de Dandara foi mergulhado no oceano do mundo virtual, e disseminou-se rapidamente pelas redes sociais, uma cascata

de eventos se desencadeou, criando uma atmosfera de compaixão, injustiça e conscientização. Mas também demonstrando como ainda a população trans está longe de alcançar direitos básicos, inerentes a qualquer ser humano.

As redes sociais, em seu cataclismo caótico de interação humana, inundando as mentes contemporâneas com as mais diversas informações, são, sem dúvida, fundamentais para trazer visibilidade e representatividade para as marginais da sociedade. Mas é válido lembrar que o debate midiático que acontece nas mídias digitais apenas antecede a mudança. Esta acontece, tão somente, com a configuração dos movimentos sociais nas ocupações urbanas, tendo, claro, o aparato comunicacional da Internet como via de organização e união. E a luta é constante, e ela nunca findará.

Dandara ainda hoje é lembrada. Mas e a transexual Camila Albuquerque, de 20 anos, que foi retirada de sua casa à força e morta com 15 tiros em março de 2017? E a transexual Larissa Machado da Silva, de 25 anos, que foi morta a pauladas por quatro pessoas, na Zona Norte de São Paulo no mesmo ano? E a jovem transexual Júlia Volp, de 20 anos, que estava desaparecida e, em Dezembro de 2017, seu corpo foi localizado pela Polícia Civil de Florianópolis? E Amanda Rios, de 23 anos, que foi encontrada com um tiro na boca na praia de Jacarapé, na capital da Paraíba, em fevereiro de 2018?²⁸ Será que só por que não têm um vídeo brutal de seus últimos momentos registrado na Internet elas não mereçam ser lembradas, ou sequer mencionadas?

E todas as Genis, que são cuspidas, apedrejadas, julgadas, torturadas? A Geni de Chico Buarque. A Geni de um bairro pobre de Fortaleza. A Geni paulista e a mineira. As Genis brasileiras. Quantos vídeos de violência contra essas Genis ainda precisarão viralizar para

²⁸ REMEMBERING OUR DEAD. 2019. Disponível em <<https://tdor.translivesmatter.info/reports/2017>>; Acesso em 07 fev. 2019.

que uma consciência coletiva sobre a transfobia se faça presente e haja mudanças reais na institucionalização deste país?

A todas as Genis, é isto que este artigo propõe-se em declamar: Vocês não são malditas. Pois benditas sois todas vós, Genis, entre as mulheres.

Referências

ARAÚJO, Walisson Angélico de et al. **Caso Dandara e o martírio midiático de uma travesti:** um estudo comunicacional a partir do programa Profissão Repórter. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (Intercom Nordeste), 2017, Fortaleza-CE. 40 anos de Memórias e Histórias, 2017. v. 19. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0718-1.pdf>>; Acesso em 17 jan. 2019.

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. 2019. Disponível em <<https://antrabrasil.org/>>; Acesso em 07 jan. 2019.

AZÊVEDO, José Henrique Pires; NOGUEIRA, Anna Alice; PRATES, Patricia. Imagens que transitam: uma incursão pela exposição Elas, madalenas. In: GONÇALVES, Juliana Soares et al (Org.). **Dar-se a ver:** textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da Comunicação. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2018. p. 22-37.

BARBOSA et al. 2017. **“Joga pedra na Geni...”:** a violência, vitimização e relações de poder em torno da morte de travestis. InSURgência – Revista de direitos e movimentos sociais. vol. 3. 1. ed. Brasília, 2017. ISSN 2447-6684. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/insurgencia/article/view/19404/17962>>; Acesso em 18 jan. 2018.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, SayonaraNaidier Bonfim. **Dossiê:** assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. Brasil, Publicado online, 2019. Disponível em <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>>; Acesso em 25 jan. 2019.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guarcira Lopes (Org.). **Corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010. p. 83-111.

BUTTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guarcira Lopes (Org.). **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 151-172.

CARVALHO, Carlos Alberto de; LAGE, Leandro; SEREJO, Elias. *Homofobia e vulnerabilidade: testemunhos midiáticos da violência contra travestis e transexuais*. In: GONÇALVES, Juliana Soares et al (Org.). **Dar-se a ver: textualidades, gêneros e sexualidades em estudos da Comunicação**. 1. ed. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e de esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. **Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede**. C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, [S.l.], n. 13, jan. 2011. ISSN 1519-0617. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/226/122>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GGB. **Homofobia mata**. Grupo Gay da Bahi, 2019. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/>>; Acesso em 07 jan 2019.

_____. **Pessoas LGBT mortas no Brasil: Relatório 2017**. Grupo Gay da Bahia, 2018. Disponível em <<https://pt.calameo.com/read/004650218f3258a331907>>; Acesso em 05 jan. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: atlas, 2002.

LARRAT, Simmy. **Transfobia: como vencer uma herança do Brasil colonial e uma marca da ditadura?** In: **Transexualidade e Travestilidade na Saúde**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015. p. 159-164. Disponível em <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2323>>; Acesso em 11 jan. 2019.

LONGHI, Raquel Ritter; SOUSA, Maíra. **A dinâmica da notícia na internet: organizações jornalísticas e atores da rede**. Contemporanea, Salvador, v. 10, n. 3, p. 511-529, 2012. Disponível em <https://www.academia.edu/2601682/A_din%C3%A2mica_da_not%C3%ADcia_na_Internet_organiza%C3%A7%C3%B5es_jornal%C3%ADsticas_e_atores_da_rede_News_dynamic_in_the_Internet_news_organizations_and_actor-network_>; Acesso em 15 jan. 2019.

LOURO, Guarcira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guarcira Lopes (Org.). **Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 07-34.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. **Dandara: a vida nua de um corpo sem peso.** Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura / Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. v. 16, n. 1. Salvador: UFBA, FACOM, 2018. p. 7-21. ISSN: 18099386. Disponível em <<https://rigs.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/25986/16385>>; Acesso em 16 jan 2019.

MORAIS, José da Silva Nóbrega; TEIXEIRA, Adriana Melo; TEIXEIRA, Marileide Pereira Martins. Transexualidade e travestilidade na saúde. In: **Transexualidade e Travestilidade na Saúde.** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015. p. 83-98. Disponível em <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2323>>; Acesso em 11 jan. 2019.

PASSOS, Lucas. **As tecnologias (hetero)sexuais:** algumas considerações sobre as mesas de operações performativas. Ensaios de gênero, 17 nov. 2011. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/11/17/as-tecnologias-heterossexuais-algumas-consideracoes-sobre-as-mesas-de-operacoes-performativas/>>; Acesso em 9 jan. 2019.

PERES, Wilian Siqueira. Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. (Org). **Movimentos sociais, educação e sexualidades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Gleidson Marques da; SOARES, Gilberta Santos. **Políticas públicas para travestis e transexuais:** o espaço LGBT da Paraíba. In: **Transexualidade e Travestilidade na Saúde.** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015. p. 165-176. Disponível em <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2323>>; Acesso em 11 jan. 2019.

SIMPSON, Keila. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. In: **Transexualidade e Travestilidade na Saúde.** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015. p. 9-15. Disponível em <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2323>>; Acesso em 11 jan. 2019.

_____. Travestis: entre a atração e a aversão. In: BOKANY, Vilma; VENTURI, Gustavo (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p 109-118.

SOUSA, Maíra de Cássia Evangelista de. **A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet:** a forma de apresentação das postagens no Twitter e no Facebook. In: Revista Fronteiras, v. 17, n. 2, p. 199-212, 2015. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.172.07/4733>>; Acesso em 17 jan. 2019.

TAGLIAMENTO, Grazielle. Direitos Humanos e a Saúde: a efetivação de políticas públicas voltadas à saúde integral da população trans. In: **Transexualidade e Travestilidade na Saúde.**

Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015. p. 65-79. Disponível em <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/2323>>; Acesso em 11 jan. 2019.

TGEU. **Trans Murder Monitoring:** TMM Absolute numbers (2008 – June 2016). TransgenderEurope (TGEU) and Carsten Balzer, 2019. Disponível em <<https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>>; Acesso em 13 jan. 2019.

TÚLIO, Demitri. **Morte de Dandara:** foram pelo menos três sessões de tortura. 2017. Disponível em <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/03/morte-de-dandara-foram-pelo-menos-tres-sessoes-de-tortura.html>>; Acesso em 04 jan. 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.